

CARACTERÍSTICAS DO *BULLYING*: Um Olhar Escolar

Ezequias da Silva Pereira

Graduando em Educação Física;
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Gustavo Gomes de Mendonça

Graduando em Educação Física;
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Henrique Pereira Bispo

Graduando em Educação Física;
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Carlos Alberto Lopes Filho

Mestre em Educação – UEMS;
Docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

RESUMO

Buscou-se no presente artigo, apresentar uma pesquisa bibliográfica sobre a ocorrência do fenômeno *bullying* no ambiente escolar. Tal violência como se pode verificar configura-se como um problema de saúde pública crescente no mundo inteiro. Esta violência na contemporaneidade produz nocivos aos indivíduos, causando vários tipos de transtorno. Ressalta-se que o ambiente escolar como principal local de ocorrências deste tipo de violência. Este artigo tem como um de seus objetivos discutir medidas de prevenção e combate ao *bullying* escolar. Parte-se do pressuposto de que o ambiente escolar é uma local de promoção de apropriação da cultura, e, portanto, deve zelar para que esta cultura possa ser transmitida em um ambiente seguro e saudável. O ambiente escolar tem a obrigação de afastar todos os tipos de agressões, sejam elas, físicas, verbais ou ainda psicológicas que ocorram em seu espaço físico. A metodologia consta de uma pesquisa bibliográfica, baseada na coleta de dados em livros e artigos, na intenção de identificar o conceito, as características, as causas, as consequências e os desafios da educação, levando em consideração que o combate e a prevenção da violência escolar devem partir de acordo com cada realidade. Nas considerações finais foi realizada uma reflexão acerca de como a escola pode contribuir para coibir o *bullying* no ambiente escolar.

PALAVRAS-CHAVE: *bullying*; violência escolar; educação física.

1 INTRODUÇÃO

Dentro do ambiente escolar, ocorrem diversas manifestações de violência, podendo ser direcionadas a professores, funcionários e alunos, deste modo, este artigo traz à discussão a forma de violência que ocorre entre os próprios alunos. Sabe-se que essa forma de violência não visualizada, o *bulling*, vem se difundindo e alcançando proporções preocupantes, trata-se de um problema mundial, não estando restrita a nenhuma instituição seja pública ou privada sendo encontrado em toda e qualquer instituição de ensino (BOTELHO; SOUZA 2007).

A questão da violência na escola é muito discutida atualmente sob o nome de *bullying*, muitos autores tem apontado como o mais grave problema existente nas escolas em todo o mundo e estudos recentes mostra uma preocupante tendência de aumento da incidência do fenômeno (ROLIM 2008).

2 OBJETIVOS

Os objetivos deste trabalho são discutir as características do *bullying*, sua ocorrência no ambiente escolar e propor medidas de prevenção e combate.

3 MATERIAL E MÉTODOS

Este artigo se caracteriza como pesquisa bibliográfica, tendo como base, produzir conhecimento a partir de material já publicado, constituído principalmente através de livros e artigos de periódicos e trazendo como tema de pesquisa o *bullying* escolar e suas características, as fontes de artigos foram filtradas online através de sites de busca de relevância acadêmica sendo eles: Google Acadêmico (scholar.google.com.br) e SciELO-Scientific Electronic Library Online (www.scielo.org).

A abordagem do problema foi realizada pesquisa qualitativa de seus objetivos descritivos visa descrever o que é o *bullying*, as características e os desafios da educação considerando sua própria realidade.

4 BULLYING: CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS

Conforme Botelho e Souza (2007), *bullying* pode ser considerado qualquer forma de atitude agressiva, intencional e repetitiva de forma insistente e que perturbe o indivíduo que é alvo desta violência.

Chalita (2008) aponta que o *bullying* pode ser classificado de duas formas: indireta e direta. A forma indireta faz com que a vítima se sinta ofendida ao ponto de se isolar das outras pessoas, deixando-a com a autoestima baixa e triste, os tipos mais comuns nas escolas são: os apelidos, fofocas, piadas dos colegas ou destruir os materiais das vítimas, os agressores fazem isso como uma forma de demonstração de força. A forma direta de *bullying* direta é muito comum entre os

meninos, que utilizam geralmente a força física promovendo a violência e agressão, batendo e machucando as vítimas (CHALITA, 2008).

A violência configura-se como um problema de saúde pública crescente no mundo inteiro, com sérias consequências individuais e sociais, principalmente entre os jovens no ambiente escolar (NETO, 2005). Essa violência escolar à que Neto (2005) se refere é deveras preocupante, haja vista, que o ato é frequente nas escolas, entre os jovens, seja ela agressão física, verbal, ou até mesmo emocional das vítimas que estão sofrendo o *bullying*. Os jovens que promovem o *bullying*, muitas vezes fazem isso por motivos fúteis, por a pessoa ter um cabelo ruim, ser negro, andar estranho, ter gesto afeminado, condição financeira baixa entre outras, essas vítimas são a que mais sofrem com a rejeição os agressores fazem com a intenção de provocar, perturbar, isolar, humilhar e até mesmo machucar essas vítimas para construir um domínio social no ambiente escolar, demonstrando poder para os (NETO, 2005).

Estudo que analisou 37 pesquisas mundiais identifica o *bullying* como uma das principais causas do suicídio de crianças e adolescentes, sendo o suicídio a terceira maior causa de mortalidade no mundo nesta faixa etária, atrás apenas dos acidentes de trânsito e homicídios. Físico ou psicológico, o impacto que gera na vítima é tão expressivo que faz dele, além de um dos principais motivos de suicídios de crianças e adolescentes, também o responsável por cerca de dezenove mil tentativas de suicídios ao ano (nos Estados Unidos) (KUCZYNSKI 2014, p. 247).

Existem vários relatos na mídia que mostram essas vítimas, pelos problemas, efeitos e danos causados pelo *bullying*, como a resistência em voltar à escola, queda de rendimento escolar, retraimento, depressão, distúrbios, fobias, entre outros (SOUSA; NOGUEIRA, 2009). Cansados do julgamento que os alunos estão fazendo na escola sobre eles. Não aguentando mais esse sofrimento, que estão passando a vítima acaba cometendo o suicídio.

5 CARACTERÍSTICAS DO BULLYING

Dentre as principais formas de maus-tratos ou intimação podem-se citar aquelas de caráter (i) físico (bater, chutar, beliscar); (ii) verbal (apelidar, xingar, caçoar, insultar); (iii) moral (difamar, caluniar, discriminar); (iv) sexual (abusar, assediar, insinuar); (v) psicológico (intimidar, ameaçar, perseguir); (vi) material

(furtar, roubar, destroçar pertences) e (vii) virtual (caçoar, discriminar, difamar) por meio da internet e redes sociais (BARROS; CARVALHO, 2009).

No *cyberbullying* recorre-se à tecnologia para ameaçar, humilhar ou intimidar alguém por meio da multiplicidade de ferramentas da nova era digital. Embora ocorra virtualmente, em geral o *cyberbullying* leva a conflitos físicos reais, assim como a sentimentos de depressão, desespero e perda (CHALITA 2008).

Barros e carvalho (2009) afirmam que é de fundamental importância distinguir o *bullying* de comportamentos indesejados presentes no convívio escolar. De acordo com a autora, deve-se diferenciar *bullying* de brincadeiras turbulentas, nas quais se verificam sinais de prazer e diversão em todos os envolvidos, bem como de atos de indisciplina ou insubordinação, de agressividade e de comportamentos antissociais, pois estes não envolvem atitudes persistentes de intimidação, controle e domínio contra uma vítima incapaz de defender-se das ameaças e, ao contrário do que se verifica em situações de *bullying*, podem ter um caráter explosivo, impulsivo e emocional.

Ainda segundo a mesma autora, as formas diretas de ameaça são mais empregadas por meninos e são transmitidas ao alvo de forma clara. As indiretas, que se manifestam através de exclusão deliberada, de difamação e impropérios propagados anonimamente, são mais comumente empregadas pelas meninas e são ainda mais difíceis de detectar e de solucionar (BARROS; CARVALHO 2009).

Os atos de *bullying* identificados na escola apresentam determinadas características comuns: são comportamentos produzidos de forma repetitiva num período prolongado de tempo contra uma determinada vítima; apresenta uma relação de desequilíbrio de poder, o que dificulta a defesa da vítima; ocorrem sem motivações evidentes; são comportamentos deliberados e danosos (BOTELHO; SOUZA, 2007).

Outra característica a ser observada é que os comportamentos de *bullying* podem ocorrer de duas formas direta e indireta, ambas aversivas e prejudiciais ao psiquismo da vítima.

A direta inclui agressões físicas (bater, chutar, tomar pertences) e verbais (apelidar de maneira pejorativa e discriminatória, insultar, constranger); a indireta talvez seja a que mais prejuízo provoque, uma vez que pode criar traumas irreversíveis. Esta última acontece através de disseminação de rumores desagradáveis e desqualificantes, visando à discriminação e exclusão da vítima de seu grupo social (FANTE 2005, p. 50).

Barros e carvalho (2009) apresentam a mesma classificação, o *bullying* de forma direta que engloba a forma física e verbal, e a indireta. Os autores acrescentam ainda que as agressões físicas sejam as mais típicas entre os rapazes, enquanto que entre as meninas as verbais é que aparecem com maior ênfase, as formas indiretas são mais difíceis de serem identificadas e produzem efeitos mais sérios e, sobretudo mais duradouros, classifica o fenômeno *bullying* da seguinte forma: o *bullying* direto, que engloba a imposição de apelidos, assédios, agressões físicas, ameaças, roubos e ofensas verbais; o *bullying* indireto, que envolve atitudes de indiferença, isolamento, difamação e o *Cyberbullying*.

6 OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO CONSIDERANDO SUA PRÓPRIA REALIDADE

A educação sem duvidas é um potencial fator para amenizar ocorrências de *bullying* na escola e sociedade, embora atualmente prega-se o principio da competição, formando cidadãos aptos ao mercado de trabalho, como previsto na Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (BRASIL, 1996) que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional “A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social”. Sendo assim, o mais importante é modelar as pessoas às necessidades que enfrentarão profissionalmente, desta maneira, faz-se contrario a uma educação humanizada.

Pensar de maneira humana a educação deveria avançar em modelos ideais com indivíduos autônomos de pensamento livre. O ambiente escolar é um lugar estratégico, por levar as pessoas desde cedo ao convívio social, é neste primeiro contato com grupos fora do familiar que o sujeito faz uso de tudo o que foi apropriado no seio familiar. Vygotsky (1988) menciona que as características e até mesmo suas atitudes individuais estão associadas às relações com o coletivo, ou seja, por mais individual que o sujeito possa ser, o ser este sujeito foi construído a partir de suas relações sociais.

É neste sentido que a escola deve intervir em sua própria realidade, fazendo necessário um modelo de adaptação em seus métodos pedagógicos, este que não se deve desconstruir ou reeducar ideologicamente o estudante provedor de *bullying*, mas levá-lo a refletir em seus atos com intuito de autoconscientização e espontaneidade. O ideal seria um modelo de adaptação que não permitisse ao

mesmo tempo a perda de individualidade e proporcionasse a união entre adaptação e resistência pautadas na conscientização e na espontaneidade (ANTUNES, 2008).

Uma educação que busca seguir princípios éticos não pode basear-se somente na heteronomia, deve antes de tudo, converter-se em ambiente de reflexão individual e coletiva, que permita ao aluno construir de forma autônoma, princípios de valores que o ajude a defrontar-se criticamente com realidades como a violência proveniente de *bullying* escolar (BOTELHO; SOUZA, 2017). A solidificação das inter-relações no ambiente escolar tem o potencial de minimizar os ataques de *bullying*, conforme aponta Almeida (2016, p. 194):

Sendo assim, o fortalecimento das relações entre a escola e os alunos, e um maior preparo dos professores e funcionários para combater todos os tipos de agressão são extremamente necessários para tentar minimizar os efeitos dos fatores de risco aos quais essas crianças estão expostas e, conseqüentemente, a violência na escola.

A educação deve ser usada como um instrumento de manutenção ou transformação social isso dependerá de seu próprio contexto social, tem capacidade de tornar indivíduos autônomos, críticos, criativos e produtivos, capazes de desenvolver habilidades, de construir conhecimentos e de se apropriar dos valores éticos, necessários à convivência social (ROLIM, 2010).

A escola deve conscientizar-se de que esse problema é de saúde pública. Por isso, é fundamental a participação de todos, tanto dos professores quanto dos demais profissionais ligados ao espaço escolar na prevenção e combate desta violência.

Scheffer (2007) menciona que o aumento dos índices de indisciplina e de violência nas escolas relaciona o fato de a maioria dos educadores se encontrarem desorientados quanto aos objetivos da educação formal.

Eles não sabem mais quais atividades devem desempenhar na instituição escolar. Isto talvez esteja ligado às inúmeras mudanças ocorridas nas últimas décadas no tocante à política educacional orientadora dos estabelecimentos de ensino e, sem dúvida, à maneira como o educando tem sido concebido ultimamente (SCHEFFER, 2007, p. 9).

Iniciativas como debates sobre violência na escola, palestras e conscientização tendo como foco as relações humanas, precisam fazer parte da rotina da escola como ações atitudinais e não apenas conceituais.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, o *bullying* é um assunto bem abrangente e devido a múltiplos fatores de caráter da população, é uma violência que está entre nós e principalmente no ambiente escolar. Sendo assim, o combate e a prevenção da violência escolar devem partir de acordo com cada realidade, também se faz necessário a implementação de políticas públicas, visando discutir medidas para enfrentar ocorrências de violências existentes nas instituições de ensino. Contudo, o ambiente escolar é o local onde o *bullying* não pode ser encarado como uma brincadeira ou provocação natural entre estudantes e merece atenção para ser prevenido ou combatido de acordo com a necessidade encontrada em cada realidade.

Somos diferentes sim. Um mundo de pessoas iguais seria caótico e sem vida, então é um assunto que devemos refletir. Devemos aceitar e respeitar as diferenças de cada um, suas capacidades, beleza, gestos, atitudes e entre outros. É importante que os agressores reflitam e avaliem-se, pois, ser diferente não quer dizer ser melhor que o outro.

REFERÊNCIA

ANTUNES, Deborah Christina; ZUIN, Antônio Álvaro. Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. Revista Psicologia & Sociedade, v. 20, n. 1, 2008. Acesso em 30 de Mai. 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822008000100004>

BARROS, Paulo Cesar; CARVALHO, João Eloir; PEREIRA, Beatriz Oliveira. Um estudo sobre o bullying no contexto escolar. 2009 Acessado 10 jun 217. Disponível <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10169/1/Um%20estudo%20sobre%20o%20bullyingEDUCERE2009.pdf>>.

BOTELHO. Rafael Guimarães; SOUZA. José Maurício c. Bullying e educação física na escola: Características, casos, consequências e estratégias de intervenção. revista de educação física, v. 139, p. 58-70, 2007. Acesso em 02 jun 2017. Disponível em <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/file/2010/artigos_teses/educacao_fisica/artigos/boletimef.org_bullying-e-educacao-fisica-na-escola.pdf>

BRASIL. lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

KUCZYNSKI. Evelyn. Suicídio na infância e adolescência. *Psicologia usp*, v. 25, n. 3, p. 246-252, 2014. Acesso em 09 jun 2017. Disponível em <<http://www.periodicos.usp.br/psicosp/article/view/89786>>

NETO. Aramis a. Lopes. Bullying: Comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de pediatria*, v. 81, n. 5, p. 164-172, 2005. Acesso em 09 jul 2017. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/%0d/jped/v81n5s0/v81n5sa06.pdf>>.

ROLIM. Maria. Como resolver o problema do bullying e da violência nas escolas públicas, 2010 acesso 05 de jun. 2017. Acesso em 01 de jun. 2017. Disponível em <<http://www.webartigos.com/artigos/como-resolver-o-problema-do-bullying-e-da-violencia-nas-escolas-publicas/48987/>>

SOUSA. Nogueira, de, a. Vítima da, nas representações de alunos. Não sei! o que e como fazer. A vítima de bullying nas representações de alunos da escola básica. 2009. Acesso em 09 jun 2017. Disponível em <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/1860_2207.pdf>.

SCHEFFER. A. V. K. Por uma educação pela não violência. Programa de desenvolvimento educacional, universidade estadual de ponta grossa, 2007. Acesso em 25 de mai. 2017. Disponível em <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/31-2.pdf>>

VYGOTSKY. L. S. A formação social da mente. 2.ed. trad. José Cipolla Neto. Luis Silveira Menna Barreto e Solange castro Afeche. São Paulo: martins fontes, 1988. (psicologia e pedagogia).